

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GOSTO DE TRADUZIR

Lenita R. Esteves*

Num curso sobre tradução do qual participei há pouco tempo, a grande maioria dos participantes, alunos de pós-graduação, parecia preocupada em saber qual a relação que pode ser estabelecida entre teoria e prática. Em outras palavras, a pergunta fundamental era: de que serve a teoria de tradução para a prática de tradução?

Uma saída para essa pergunta que parece atormentar os tradutores seria a própria desconstrução da dicotomia teoria-prática, ou seja, afirmar que todo mundo que pratica alguma coisa tem uma teoria que subjaz à sua prática, quer o praticante tenha ou não consciência disso. Por outro lado, se a pergunta recorre sempre, talvez o questionamento seja outro. Por trás da pergunta, parece existir também um pressuposto do que seja "teoria". Parece haver um desejo de domesticar os modos de se fazer tradução, de traçar linhas bem visíveis e depois segui-las, para não se escorregar nas palavras, para se ter um certo rigor.

Então as coisas se complicam. As tentativas de estabelecer procedimentos técnicos, regras básicas, ou mesmo as propostas de descrição do que seja o processo tradutório, parecem resolver pouco os problemas práticos. Em resumo, não existe uma receita para se fazer uma boa tra-

* Aluna do Curso de Doutorado em Lingüística da Universidade de Campinas, São Paulo.

dução, e todas as tentativas "teóricas" de buscar tal receita são inconsistentes quando ela é aplicada. Na minha opinião, isso acontece porque sobra muita coisa que tais receitas não conseguem abarcar. Nesse sentido, o resto é maior que o todo da teoria.

De uns tempos para cá, a teoria da tradução ganhou nova luz quando se utilizou de conceitos do que se chama "desconstrução", onde a psicanálise desempenha papel fundamental. Questionando conceitos como o de verdade, literalidade, fidelidade, leitura, trazendo para dentro do corpo teórico a noção de inconsciente, e tentando trabalhar com ela, essa outra vertente da teoria da tradução é inovadora, ao projetar um foco de luz justamente sobre aquele resto que a vertente tradicional não abarcava.

Um ponto de identificação entre a tradução e a Psicanálise é justamente a questão do resto. Octave Mannoni descreve como Freud foi construindo a sua ciência, elegendo como objeto um resto dispensado pela Neurologia (o que pode ser chamado de "imaginação das histéricas"), criando termos novos que não se comprometessem com essa ciência nem com o mundo das superstições. O autor mostra que a ciência criada por Freud não é oposta à ciência dos neurologistas, mas que dela apenas está separada. Além disso aborda um ponto importante: a não aceitação da teoria freudiana pelos neurologistas passava mais por uma questão ideológica que pela própria epistemologia. O Positivismo não permite que o domínio da ciência ultrapasse o mundo material.¹

Paralelamente, a "nova" teoria da tradução ilumina preferencialmente a questão da diferença. Se até então o que se tentou foi uma transposição de significados que, da melhor maneira possível, deveria apagar diferenças em nome de uma compreensão intercultural, o que a teoria a que me refiro afirma é que a diferença se configura como constitutiva do processo tradutório. Não apenas no sentido de que este processo lida com duas línguas diferentes, mas no de que mais e mais diferenças se produzem quando se tenta estabelecer a "ponte" entre as culturas. Esta é uma maneira de se trazer o equívoco para dentro da teoria, de servir-se

¹ MANNONI, O. "A Psicanálise e a Ciência", em *Um Espanto Tão Intenso* (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro : Campus, p.158.

dos restos que foram ignorados, por exemplo, pelas teorias lingüísticas de tradução. Assumir que as escolhas feitas numa tradução são resultado de fatores que fogem ao controle do tradutor é assumir que o tradutor não permanece imparcial em suas escolhas, e que tradução alguma pode ser transparente.

Isto posto, gostaria de focalizar um dos aspectos da prática da tradução, ou melhor, justamente a escolha de tal prática. Valho-me de alguns instrumentos da Psicanálise, sem pretender arrolar "Uma Teoria Psicanalítica da Tradução". É obvio que o namoro entre a tradução e a Psicanálise não é de hoje, e por isso o que estarei dizendo não será nenhuma grande novidade. Alan Bass², sem dúvida entre outros, aponta para a imagem do psicanalista como tradutor, transmitida a nós pelo próprio Freud. Bass vai mais longe, dizendo que uma das maneiras que Freud teve para reivindicar como científico o que antes fora considerado trivial ou incompreensível foi manter que finalmente tinha encontrado o meio de traduzir sintomas histéricos ou sonhos para uma linguagem ordinária.

Aproveitando a associação, minha idéia aqui é tecer algumas considerações sobre a tradução e suas relações com a Psicanálise. Também não será a primeira vez que alguém faz isso³, mas o enfoque deste trabalho pretende ser mais especificamente o gosto de se fazer tradução. A tradução muitas vezes inspira um certo respeito, um *status* diferenciado, principalmente entre as pessoas que não lêem em outra língua que não seja a materna.

Se é possível dizer que a tradução causa um certo fascínio até em quem não traduz, talvez essa atitude de admiração não se deva apenas a um "ecletismo" lingüístico. Talvez haja alguma coisa mais, uma aura especial que traz uma certa nostalgia, um desejo de que não existissem tantas línguas assim. Quem faz tradução sabe que o trabalho é árduo, e raras vezes gratificante. Mesmo que tradutor acredite que só é possível

² "On The History of a Mistranslation and the Psychoanalytic Movement". In *Difference in Translation* (ed. Joseph Graham). Ithaca : Cornell University Press, 1985, p.102.

³ Ver a esse respeito o texto de Rosemary Arrojo "Laplanche Traduz o Pai da Psicanálise: As Principais Cenas de um Romance Familiar". In *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro : Imago, 1993.

produzir diferenças, parece que ele não está livre de buscar a perfeição que se expressaria na identidade perfeita. A impressão que se tem realizando uma tradução é a de que falta a palavra correta, o elemento lapidar, o cristal mágico que daria conta do que se quer transmitir. Faltam palavras e sobram possibilidades de equívocos. Isso sem contar o que o tradutor não vê, não percebe. Além de muitas possíveis acepções para o mesmo termo previstas pelo tradutor, há ainda as que ele não previu. É só começar a fazer uma tradução para se dar conta dos obstáculos que se impõem. O conhecimento da segunda língua fica muito mais parco do que se imaginara, e a língua materna se transforma num universo enorme, próprio e ao mesmo tempo desconhecido. Talvez a primeira coisa que se questione é o "domínio da segunda língua". Fica patente que por mais que se tenha o chamado "conhecimento", a "competência lingüística", sempre falta algo, esta falta sendo muitas vezes interpretada como uma inabilidade, um defeito. Mas ao mesmo tempo se tem a impressão de que a língua materna, essa que conhecemos tão bem, foge ao nosso domínio. Não é apenas uma diferença cultural e não é apenas dizer que a língua determina a visão de mundo (mesmo na leitura mais radical dos textos de Whorf). Essa coisa que falta, essa inabilidade em lidar com as palavras, parece ser da própria ordem da língua, ou das línguas.

Traduzir faz pensar que as línguas, e nem a nossa materna escapa disso, não têm limite. Ademais, nos dá a impressão de haver muitas línguas em uma. Segundo Derrida, a tradução pode tudo, menos marcar a diferença inscrita na língua, a diferença de sistemas lingüísticos inscrita numa única língua⁴. Pensando assim, o tradutor começa a questionar, como já foi dito, o próprio domínio da língua materna, e mais seus próprios limites. Mas, se traduzir pode causar tanto desprazer, evidenciando nossa incapacidade de ter domínio sobre nossa própria atividade, por que continuar traduzindo? Será que é exatamente por isso?

⁴ O autor afirma isso numa mesa-redonda sobre tradução, onde está discutindo um texto de Joyce no qual, embora a dominância seja o inglês, ocorrem termos do alemão, que produzem um efeito rico e interessante. Derrida diz que se tal trecho fosse traduzido, perder-se-ia o efeito de multiplicidade das línguas. O caso pode ser extremo, mas aproveito a observação do autor para descrever uma sensação que tenho quando estou traduzindo. Ver DERRIDA, J. "Roundtable on Translation". In *The Ear of the Other-Otobiography, Transference, Translation* (ed. Christie V. Macdonald; trad. Peggy Kamuf). New York: Schocken Books, 1985, p.100.

Pensando em conceitos propostos por Freud, talvez seja possível imaginar uma explicação. Em "O Mal-Estar na Civilização", já na primeira parte, Freud afirma a permanência da vida psíquica, a conservação de todos os estágios anteriores, juntamente com a última forma, que se dá no aparelho psíquico. Enquanto que, no desenvolvimento físico, o ser humano abandona fases antigas para entrar em novas fases, o aparelho psíquico conserva todos os seus estágios anteriores juntamente com o atual:

As primeiras fases do desenvolvimento (físico) já não se acham, em sentido algum, preservadas; foram absorvidas pelas fases posteriores, às quais forneceram material. O embrião não pode ser descoberto no adulto. A glândula do timo da infância, sendo substituída, após a puberdade, por tecidos de ligação, não mais se apresenta como tal; nas medulas ósseas do homem adulto posso, sem dúvida, traçar o contorno do osso infantil, embora este tenha desaparecido, alongando-se e espessando-se até atingir sua forma definitiva. Permanecem o fato de que só na mente é possível a preservação de todas as etapas anteriores, lado a lado com a forma final, e o de que não estamos em condições de representar esse fenômeno em termos pictóricos.⁵

Desse modo, cada ser humano conserva em si todas as impressões e sensações que viveu, existindo em seu aparelho psíquico uma vigência de todos os estados.

Um outro ponto levantado no mesmo texto é o "sentimento oceânico", "uma sensação de eternidade, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras."⁶ Freud empresta essas descrições de um amigo que se correspondia com ele, que as empregou para descrever uma sensação que era "a verdadeira fonte da religiosidade". Freud associa o sentimen-

⁵ FREUD, S. "O Mal-Estar na Civilização". In : *Obras Completas*. Rio de Janeiro : Imago, 1974, v.XXI, p.89.

⁶ Op. cit., p.81.

to oceânico a uma busca da restauração do narcisismo ilimitado, uma primeira fase do ser humano em que não há separação entre o ego e o mundo. Ele explica: "*Um criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo externo como fonte das sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos.*"⁷ Desse modo, então, o ego se separa do mundo externo. Ou, numa expressão mais correta, originalmente o ego inclui; posteriormente separa, de si mesmo, um mundo externo. Nosso presente sentimento de ego não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo — na verdade, totalmente abrangente — que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca.

É através da ligação desses dois conceitos que me proponho a trabalhar. Se não fosse pela noção de sincronia, da vigência simultânea de todos os estágios psíquicos na vida anímica, seria fácil resolver o problema do tradutor. Bastaria ler obras que questionam a verdade de um texto, ou a estabilidade dos significados, para se chegar à conclusão de que a tradução perfeita é um mito, uma impossibilidade absoluta e, depois de raciocinar logicamente, deixar de desejar a realização de uma tradução perfeita. O tradutor superaria então o já famoso "complexo de Judas", expressado pela mundialmente famosa expressão *traduttore, traditore*.

Se pensarmos que a tradução perfeita seria justamente o apagamento das diferenças, um desejo do "sentimento oceânico", muitas vezes proporcionado pela religiosidade, poderemos chegar à conclusão de que esse apagamento de diferenças significaria a volta a uma língua primordial, que fosse una, indivisível.⁸ Mas se chegamos a questionar a própria unidade de uma única língua, o que poderia ser essa língua primordial? Se realmente tivesse existido uma língua primordial, será que ela teria sido inequívoca, sem polissemias?

Pensando em termos psicanalíticos, podemos chegar à conclusão de que retornar à língua primordial seria o mesmo que retornar a uma

⁷ Op. cit., p.84.

⁸ A esse respeito, é interessante ler o texto de Walter Benjamin sobre tradução "The Task of the Translator". In: *Illuminations* (trad. Harry Zohn). New York: Schocken Books, 1969. Já vi leituras diferentes, mas para mim o autor afirma que a tarefa do tradutor consiste em recuperar elementos dessa língua primordial, concedendo assim ao próprio texto uma sobrevida.

fase anterior à diferenciação entre o sujeito e o mundo que o rodeia. A indiferenciação remete à falta de diferença. Sem a diferença não haveria o resto e nem o equívoco. Não haveria esse mal-estar que o tradutor sente, desejando às vezes escrever uma nota de rodapé dizendo: "caro leitor desta tradução: neste trecho há alguma coisa que juro que entendi, mas não consigo lhe transmitir". Por outro lado, se não existisse essa diferença, não haveria o sujeito constituído como tal, e muito menos tradutores. E como disse Freud: "*Há porventura, algo mais natural do que persistirmos na busca da felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez?*"⁹

Por isso mesmo, o tradutor, de uma outra forma, continua buscando algo que sabe impossível, a volta a um estágio de felicidade anterior, que lhe foi vetado quando se transformou em sujeito, mas que continua presente em seu aparelho psíquico. Derrida diz que a tradução é ao mesmo tempo necessária e impossível.¹⁰ Diz também que a tradução tem um caráter messiânico; ela promete o sucesso, o sucesso da reconciliação. Só promete, porque é uma "possibilidade impossível".¹¹ Como também é impossível retornar a esse estado de felicidade anterior, onde reinava a indiferenciabilidade.

Talvez esse seja o caminho que o tradutor, simbolicamente, esteja traçando, em busca do apagamento das diferenças. E já que existe uma impossibilidade fundadora no processo tradutório, a de se dizer *a mesma coisa* em outra língua, já que é impossível dizer *a mesma coisa na mesma língua*, o tradutor continua trilhando seu caminho com os instrumentos que possui. Na falta da não-alteridade, disso que não sabemos muito bem o que seja e que buscamos incessantemente, caminhamos na alteridade, tentando fazer com que ela faça sentido.

⁹ FREUD, S. Op. cit., p.101.

¹⁰ DERRIDA, J. Op. cit., p.103.

¹¹ Op. cit., p.123.